

A diacronia e a sincronia dos pronomes de primeira pessoa do plural *Nós* e *A Gente* no português brasileiro e no português uruguaio

Diachrony and synchrony of first-person plural pronouns *Nós* and *A Gente* in Brazilian Portuguese and in Uruguayan Portuguese

Cíntia da Silva Pacheco

Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF / Brasil

Universidade de Brasília, Brasília, DF / Brasil

cintialetras@yahoo.com.br

Resumo: É importante analisar o percurso histórico da expressão lexical *a gente* até sua gramaticalização em pronome, com base na descrição diacrônica e sincrônica dos pronomes *nós* e *a gente*. Por isso, este estudo explica brevemente a origem do pronome *a gente* no latim e no português arcaico, estabelece uma comparação entre as gramáticas tradicionais e as descritivas, no que se refere à abordagem de *nós* e *a gente*, e explica sucintamente o funcionamento dos pronomes de primeira pessoa do plural no português brasileiro atual, no português uruguaio e no espanhol uruguaio, para que possamos entender melhor a complexidade desse fenômeno em termos de semelhanças e diferenças entre essas variedades linguísticas.

Palavras chave: variação *nós* e *a gente*; português brasileiro; português uruguaio.

Abstract: It is important to analyze the historical trajectory of the lexical expression *a gente* until its grammaticalization as a pronoun, from the diachronic and synchronic description of the pronouns *nós* and *a gente*. For that reason, we briefly explain the origin of the pronoun *a gente*, in Latin and in archaic Portuguese, we compare the approach of *nós* and *a*

gente presented on traditional grammars and descriptive grammars, and we succinctly explain the current functioning of the first-person plural pronouns in Brazilian Portuguese, Uruguayan Portuguese and Uruguayan Spanish, so we can better understand the complexity of this phenomenon in terms of similarities and differences among these linguistic varieties.

Key words: *nós* and *a gente* variation; Brazilian Portuguese; Uruguayan Portuguese.

Recebido em 7 de dezembro de 2016.

Aprovado em 13 de janeiro de 2017.

1 Introdução

Com base nos poemas a seguir, nota-se que o uso de *a(s) gente(s)* impessoal, com ou sem o traço de número, também foi registrado no português africano de Moçambique de Noémia Soares,¹ em 1949 (século XX), e no português europeu de Luis de Camões,² em 1595 (século XVI). Essa característica impessoal, ainda presente no espanhol, é um traço arcaico do português de maneira geral (MATTOS E SILVA, 2006).

Poema a Jorge Amado

O cais...
 O cais é um cais como muitos cais do mundo...
 As estrelas também são iguais
 as que se acendem nas noites baianas
 de mistério e macumba.
 (que importa, afinal, que **as gentes** sejam
 moçambicanas
 ou brasileiras, brancas ou pretas)
 Jorge Amado, vem!
 Aqui, nesta povoação africana
 o povo é o mesmo também
 é irmão do povo marinheiro da Bahia,

¹ Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares foi escritora moçambicana e escreveu esse poema, em 1949, em homenagem a Jorge Amado. O livro *Sangue negro* foi reeditado em 2001, pela Associação dos Escritores Moçambicanos.

² Luis Vaz de Camões foi um importante escritor português e escreveu esse poema em 1595. O livro *Obra completa* foi reeditado em 2003, pela Editora Nova Aguilar.

companheiro Jorge Amado,
amigo do povo, da justiça e da liberdade.

(SOARES, 2001, p. 136-137)

Amor é fogo que arde sem se ver

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre **a gente**;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade;
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

(CAMÕES, 2003, p. 70)

Em toda a obra *Os Lusíadas*, *a gente* ou *as gentes* são empregados como sintagmas de terceira pessoa, indefinidos. Na própria antologia do autor, segundo Bechara e Spina (*apud* Camões 1999), há uma referência ao emprego da expressão *a gente* com o mesmo valor do português contemporâneo, extensão de sentido que é de “o ser humano” (p. 31). Encontram-se exemplos no singular:

Vedes agora a fraca geração
Quem dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez **a gente** alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.
[...]

(CAMÕES, 2003, p. 174)

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos **as gentes** nos julgavam.

(CAMÕES, 2003, p. 89)

É importante, pois, analisar a diacronia do sintagma nominal *a gente* até sua pronominalização no português. Posto isso, analisamos a origem do pronome *a gente* no latim, no português arcaico e em outras línguas românicas; a alternância de *nós* e *a gente* nas gramáticas tradicionais, nas gramáticas descritivas; o funcionamento desses pronomes de primeira pessoa do plural no português brasileiro, no português europeu e no português uruguaio, para que possamos entender melhor as semelhanças e diferenças entre essas variedades linguísticas.

1 *Nós* e *a gente* no latim, no português arcaico e em línguas românicas

Na época do latim vulgar, houve mudanças morfológicas na estrutura da língua com a criação de novos indefinidos, ou com a extensão do sentido já existente. Entre eles, segundo Ilari (2006, p. 96), “*unus* assume, além de seu papel de numeral, também as funções de pronome adjetivo/indefinido; com *nec*, forma *nec unus* (nem um), que substitui o antigo indefinido negativo, *nullus*.” O autor também registra o desaparecimento de alguns termos da classe dos indefinidos, como *omnis*.

No espanhol, italiano e francês (línguas românicas) e no inglês (língua germânica), respectivamente, ainda mantém-se o uso de *uno* como pronome indefinido, diferentemente do português que utiliza o *se*, como é possível observar nos exemplos a seguir, de autoria própria.

Uno no debe juzgar tan rápidamente.

Uno non deve essere troppo rapido per giudicare

On ne doit pas être trop rapide pour juger

One shouldn't be too quick to judge

Não **se** deve julgar com tanta rapidez.

Na gramática de Hermoso, Cuenot e Alfaro (2006, p. 62), o pronome *uno* é analisado como um dos pronomes indefinidos que “constituem uma classe de palavras com valor de adjetivo, pronome ou advérbio, que dão nome ao que qualificam ou substituem um valor

indeterminado: quantitativo, qualitativo ou intensivo” (tradução nossa).³ Nesse caso, *uno* expressa quantidade ou intensidade.

No português brasileiro atual, o *se* pode funcionar como índice de indeterminação nesses casos exemplificados, mas, segundo um estudo de tradução do francês para o português, de Aguiar (2002, p. 87), não há um correspondente para *on* no português e, por isso, essa expressão francesa ora é traduzida como primeira pessoa do plural ora como terceira pessoa do plural. Assim, *on* pode designar uma ou várias pessoas determinadas no discurso.

No francês, o pronome indefinido *on* corresponde a *uma pessoa, cada um* ou *se* e precede o verbo na 3ª pessoa do singular: *on dit* (diz-se). Os indefinidos com sentido negativo requerem o advérbio de negação *ne* antes do verbo. Em línguas germânicas, como o alemão, o pronome indefinido deve ser traduzido por *man*, seguido também pelo verbo na terceira pessoa do singular: *man sagt* (diz-se) (DICIONÁRIO MULTILÍNGÜE, 1998, p. 367 e 427).

Já no português arcaico, de acordo com Lopes (2003), o vocábulo *homem* era usado como substantivo e pronome indefinido.

As línguas românicas herdaram o uso indeterminado de *homem*, presente já no baixo latim e atestado nas variantes: *hombre/ome* (espanhol), *uomo* (italiano), *homem/ome* (português), *omul* (valaquião), *om/hom* (provençal) e *on* (francês): este último mantém até hoje esse valor. Em português, entretanto, a partir do século XVI, o vocábulo *homem* deixa de ser usado como pronome, interrompendo aparentemente o processo de gramaticalização do substantivo. Outro item lexical – a forma *a gente* – parece começar a preencher esse espaço vazio deixado no sistema pronominal. (LOPES, 2005, p. 1)

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 160), o pronominal *homen*, próprio ao período arcaico (com o mesmo sentido do *on* francês), frequentemente expressa a indeterminação do sujeito. Para Lopes (2005, p. 7), não houve a pronominalização completa do *homo* como uma mudança linguística no português, diferentemente do *on* no francês. Ainda

³ “constituyen una clase de palabras con valor de adjetivo, pronombre, o adverbio, que dan al nombre al que califican o sustituyen un valor indeterminado: cuantitativo, cualitativo o intensivo” (HERMOSO; CUENOT; ALFARO, 2006, p. 62),

assim, no período arcaico, houve coexistência de *homem* (e variantes) como nome e pronome indefinido, conforme exemplos:

E portanto as **homen** cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente.

Ca naquel logar so **homen** ouvir falar de pescado.

De cincoenta anos adeante vai ja **homen** folgando e assegando e quedando das tentações.

Ainda segundo Mattos e Silva (2006, p. 160), também é possível constatar um exemplo de alternância entre *homen* e a passiva sintética, ambos em contexto de indeterminação do sujeito:

A quinta he Geometria que fala dos contos e das medidas per que **homen** pode saber as canteas e os espaços da terra; a sexta he a música que fala em como **se devian** mudar e mesurar as vozes.

Dias (1959, p. 94), *apud* Mattos e Silva (2006, p. 169-170), relata que o pronome utilizado, na época, era *homem*, com as alomorfas *omê* e *ome*. (H)omen, como sujeito indeterminado, é recorrente do período arcaico até o século XVI. Ainda assim, há resquícios desse uso atualmente no Nordeste brasileiro.

Para Teyssier (2001, p. 83-84), a obra do dramaturgo Gil Vicente, representada de 1502 a 1536, documenta a constituição de uma língua clássica. O caso de *homem* com sentido indeterminado aparece em suas peças como arcaísmos característicos de certos personagens, particularmente de camponeses e mulheres do povo. Era a prova de que esses traços eram marcados ou estigmatizados pelo público da Corte.

Teyssier (2001, p. 82-83) confirma que essa indefinição era representada até então pela palavra *homem*, com o mesmo sentido do *on* francês, que desapareceu na época da formação do português clássico, até o fim do século XVI. Assim, a mudança linguística de *homem* não foi implementada e finalizada no português, pois o item lexical *a gente*, como indefinido ou genérico, entrou primeiramente na língua para ocupar a lacuna pronominal do sistema linguístico desde a evolução do latim, uma vez que *a gente* passou a indicar neutralidade.

Por isso, o processo de gramaticalização de *homem* foi interrompido no século XVI. Nessa mesma época, os traços de número começam a desaparecer do nome (*a gente*), o que pode ter interferido

na pronominalização de *homo*, uma vez que *a gente* tornou-se forte concorrente para substituir a vaga deixada pelo *homem* indefinido. “O emprego de homem, no português arcaico, está diretamente relacionado com a perda da referência do nome que, ao ser utilizado como pronome, pode admitir uma leitura impessoal (referência zero)” (LOPES, 2005, p. 8). A perda da referência também é sinal de que a expressão estava deixando a classe dos nomes, uma vez que a propriedade semântica é inerente aos nomes (LOPES, 2005, p.7).

Assim, a emergência de *a gente* se gramaticalizando é um novo processo depois da variação *homem~home*. Primeiro a referência é indefinida com sentido original de povo, depois torna-se genérica (ZILLES, 2007, p. 31).

A partir do século XVI, a ausência de traço plural para o substantivo *gente*, que perde propriedades nominais, ultrapassa 70%. A pronominalização do substantivo *gente* foi um processo lento e gradual, que passa da referência indeterminada, determinada até chegar ao contexto mais específico, que é a referência a *eu*.

Há registros de *a gente* como pronome já no século XVIII. Anteriormente partiu de uma expressão substantivada para ambiguidade interpretativa entre sinônimo de pessoas ou de *nós* desde o século XVI, época em que o substantivo começa a perder suas propriedades de número, mas é no século XIX que a ambiguidade deixa de existir, e *a gente* passa a ser usado apenas como pronome no singular, dando início à fase da gramaticalização (LOPES, 2005, p. 4-6).

Séc. XVI:

Quanto mais se chega a fim do mundo, a todo andar, tanto *a gente* é mais ruim!

Séc. XVII:

[...] E os tigres, em tanta quantidade (por não haver descampados), que, em se metendo | a rês no mato, não sae, e o mesmo risco corre *a gente*, se não anda acompanhada, e pelos rios e lagos dos jaguarés...

Séc. XIX:

Rosinha – A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr *a gente* de queixo caído.

Para Lopes (2005, p. 6), essas ocorrências ficaram frequentes a partir do século XVI, pois eram mínimas no português arcaico. O sentido de *a gente* passou a incluir todas as pessoas, inclusive o pronome de primeira pessoa do singular *eu*.

No período arcaico, coexistia o emprego de *homem* (e variantes) como nome e como pronome indefinido. Com o desaparecimento de *homem* como pronome indefinido, o substantivo *gente* emerge como pronome. Assim, o processo de gramaticalização de itens lexicais passa por três usos funcionais, tais como substantivo, “interpretação ambígua” e pronome indefinido (LOPES, 2005, p. 7, 8).

Exemplo de *a gente* como substantivo e, portanto, como terceira pessoa

No que o moço cantava | o judeu meteu mentes, e levó-o a ssa casa,| poi se foram **as gentes** (LOPES, 2005, p. 4).

Exemplo de interpretação ambígua (pode ser substantivo ou pronome indefinido)

Rosinha – A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr **a gente** de queixo caído. (LOPES, 2005, p. 5)

Vianna (2011, p. 95 e 102), que analisou a alternância pronominal *nós* e *a gente* no português europeu, afirma que, diferentemente do português brasileiro, ainda há atualmente exemplos ambíguos no português europeu, nos quais não se pode afirmar se o próprio falante se inclui ou se são somente as outras pessoas.

as coisas para nós são mais complicadas... muito mais complicadas... nós tamos muito mais... **a gente da hotelaria** nunca se ganhou tanto ou tão pouco não é tanto tanto pó mais é pó menos... nunca se ganhou tão pouco como agora... (Amostra Cacém: dado 580, MB1)

tá muito melhor agora porque naquele tempe para se vir ao Funchal gastava-se três horas... hoje em dia onde eu faço em meia hora de tempo _ **para vir a gente ao Funchal** era a quase d’ano a ano ou quande se... (Amostra Funchal: dado 309, FC1)

A ambiguidade entre nomes e pronomes tem semelhanças porque também exercem a mesma função sintática. A diferença é que

os pronomes não podem ser antecidos de determinantes e funcionam isoladamente como núcleo do sujeito. A própria ausência de determinante significa mais indeterminação (LOPES, 2005, p. 9). A referência genérica e a posição isolada foram condicionantes linguísticos semelhantes para *homem* e *a gente*, já que, “na pronominalização dos nomes, o item lexical passa a ocupar posições gramaticais mais fixas, tipicamente pronominais, podendo assumir um caráter mais genérico e indeterminado” (LOPES, 2005, p. 11).

Também com sentido impessoal, a expressão *toda a gente* era variante da expressão *todo mundo*. Esse uso era visto como brasileiro pertencente ao português do Brasil, de acordo com Teysier (2001, p. 106).

A forma *la gente* ou *a gente* tem a mesma origem latina (*gens, gentis*) no português e no espanhol. O percurso diferente é que no português, após o processo de gramaticalização, o pronome *a gente* passou a designar algo indeterminado e genérico. No espanhol, a correspondência de *la gente* seria *ellos* (MAIA, 2008, p. 2659-2660).

Maia (2008, p. 2664-2665) ressalta alguns fatos curiosos sobre o uso de *la gente*, num estudo diacrônico desde o século XII até o período contemporâneo: (i) *la gente* também está se especializando na posição pronominal, ou seja, antes do verbo (posições mais fixas); (ii) há muita ocorrência de *la gente* com determinação de *toda*; (iii) a forma singular está ocorrendo com mais frequência; (iv) *la gente não aceita mais outro termo no meio da expressão, como la vil gente*. Assim, a forma *la gente* parece estar, portanto, gramaticalizando-se como forma pronominal de indeterminação, visto que os ambientes favoráveis a essa gramaticalização são os de referência indefinida.

A expressão lexical plena *a gente*, ao longo do tempo, passou a equivaler a *nós*, tanto no português brasileiro quanto no português uruguaio. De acordo com Faraco (2005, p. 39-40), esse tipo de mudança linguística é conhecido como gramaticalização, ou seja, é quando um elemento lexical (uma palavra) ou uma expressão lexical plena se transforma em um elemento gramatical, como pronome ou preposição.

2 Nós e *a gente* nas gramáticas tradicionais

A variação pronominal de primeira pessoa do plural, como a maioria dos fenômenos linguísticos variáveis, não é devidamente

registrada nas gramáticas tradicionais. Algumas delas sequer registram o uso, e outras registram o pronome ainda com certa cautela.

Bechara (2004, p. 166) já cita o pronome *a gente*, mas associando seu uso aos contextos de informalidade:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular.

A linguagem cerimoniosa é, certamente, a linguagem mais formal. O que o gramático não percebe é que o uso de *a gente* extrapola os contextos orais e mais informais, chegando até mesmo a contextos mais monitorados e formais como se pode observar na fala e em produções textuais de alunos desde o nível fundamental (BRUSTOLIN, 2010) até o nível superior (SANTOS; COSTA; SILVA, 2011), além de vários outros tipos de manifestação linguística. Também há exemplos midiáticos, como o caso notório da própria chamada da Rede Globo *A gente se liga na Globo* ou *A gente se liga em você*. Na escrita, o aparecimento de *a gente* está mais vinculado ao gênero textual, como o da propaganda, que mais se aproxima do interlocutor.

Assim, segundo Zilles (2007, p. 39-41), *a gente* parece não ser estigmatizado porque tem uma frequência alta de uso no Brasil (até 80%), pode ser identificado em práticas sociais ligadas a determinados gêneros textuais, como literatura infantil, na voz de crianças, textos publicitários, correspondência comercial, dicionários, e, geralmente, não tem influência da escolaridade.

Em outra gramática tradicional, a de Cunha e Cintra (2001), o pronome *a gente* aparece como uma fórmula de representação da 1ª pessoa. O gramático restringe seu uso aos contextos coloquiais, tanto na variação com *nós* como na substituição por *eu* (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 296). Essa expressão pronominal também é interpretada como equivalente a *eu* (*Se a gente ganhar a luta, tudo na minha vida será diferente – disse o pugilista*) em Faraco e Moura (2002, p. 287).

Ainda em Faraco e Moura (2002, p. 287), o *a gente* também aparece como impessoal ou indeterminado (*Eu sabia os riscos que estava correndo. A gente sempre pensa: comigo não vai acontecer. Aí aconteceu, diz.*). No entanto, ao analisar o contexto discursivo, nota-se

também nesse dado que *a gente* está em um contexto de primeira pessoa do singular, com a presença do pronome pessoal reto *eu* e do pronome pessoal oblíquo *comigo*.

Em Almeida (1999, p. 172), há apenas uma breve menção ao pronome *a gente* como pertencente ao grupo dos pronomes de tratamento, ou seja, aqueles que substituem a terceira pessoa gramatical. Assim, nota-se que o gramático não considera o uso de *a gente* como primeira pessoa do plural, mas apenas o uso indeterminado.

Como as gramáticas tradicionais prescrevem normas e não descrevem propriamente a língua falada, é preciso buscar gramáticas descritivas e pesquisas linguísticas que expliquem melhor como funcionam os pronomes de primeira pessoa do plural no português brasileiro, sobretudo o pronome gramaticalizado *a gente*.

3 Nós e *a gente* nas gramáticas descritivas e na gramaticalização

Nessa nova era de gramáticos linguistas, selecionamos dois autores, Neves (2000, 2008, 2009) e Castilho (2010), para ilustrar como o fenômeno *nós* e *a gente* é analisado do ponto de vista da gramática descritiva, que, em sua maioria, tem como base a realidade linguística do português culto brasileiro⁴ e o processo de gramaticalização.

Da mesma forma que *nós*, a expressão *a gente* também pode se referir ao indivíduo que fala (*a gente=eu*) (NEVES, 2008, p. 529). Segundo Neves (2008, p. 509, 521), a propriedade geral dos pronomes pessoais é a de serem palavras (i) *fóricas* – quando assumem referência

⁴ Lucchesi (1994, p. 18-26) propõe três conceitos de norma: norma padrão, norma culta e norma popular. A norma padrão é a norma ideal, sem falantes, prescrita pela gramática tradicional. A norma culta é de fato a língua utilizada pelos falantes cultos de nível superior completo e antecedentes biográfico-culturais urbanos dos segmentos mais favorecidos da sociedade. A norma vernácula seria a língua falada pelas classes dominadas, estigmatizadas e não escolarizadas. Bagno (2005 e 2003) faz uma releitura dessa e de outras terminologias em sua tese de doutorado, publicada como livro em *Dramática da Língua Portuguesa* (2005), utilizando uma longa resenha de textos que tratam desse tema. Para Bagno (2005, p. 141-156) e (2003, p. 51-70), a divisão seria entre norma padrão (que não é variedade linguística e, portanto, não é falada por ninguém), variedades cultas e variedades populares e, posteriormente, variedades prestigiadas e estigmatizadas, que refletem mais as características sociolinguísticas de uma comunidade.

no uso, retomando passagens do texto ou demonstrando traços específicos de fala – e (ii) *exofóricas* ou *dêiticas*, quando é preciso recorrer à situação extralinguística, de quem é a fala e para quem a fala está sendo dirigida. As duas grandes funções são interacional e textual.

Neves (2009, p. 39-40) explica a variação pronominal de primeira pessoa do plural por meio da gramaticalização, que é um processo da mudança linguística, ou seja, um processo em andamento. Para isso, utiliza exemplos diferentes do uso de *a gente*:

- O primeiro, historicamente “legítimo”⁵
Diligente e decidida é quase toda **a gente** desta região, mas também é um tanto intolerante, ainda pouco civilizada.
- O segundo, hoje, “tolerável” na linguagem coloquial
Bem, **a gente** depois **combina**.
- E o terceiro, ainda “proscrito”
Eu disse: **a gente podemos enforcar**, que isso não vale nada.

É perceptível que a expressão lexical *a gente* originalmente significasse uma terceira pessoa e a referência fosse totalmente indeterminada (“legítimo”). Posteriormente houve uma mudança linguística em que *a gente* transformou-se em pronome de primeira pessoa do plural (“tolerável”), ainda não totalmente gramaticalizado, principalmente se levarmos em consideração que a expressão *a gente podemos* é estratificada socialmente no português brasileiro e, portanto, não é um traço gradual das variedades linguísticas do Brasil. Esse caso é mais estigmatizado e menos recorrente no português brasileiro do que no português europeu (“proscrito”).

A terminologia traços graduais e traços descontínuos é de Bortoni-Ricardo (1998, p. 102), que caracteriza, em verdade, dois tipos de regras variáveis; regras descontínuas, “que definem uma estratificação descontínua” e regras graduais, “que definem uma estratificação contínua”. Os traços graduais são exemplificados pelo uso de *a gente* juntamente com a concordância padrão (*a gente vai*), e os traços descontínuos são exemplificados pelas expressões *a gente vamos* e *nós vai*, já que há estigma

⁵ As aspas são da própria autora talvez pelo fato de as expressões serem até pejorativas no caso de “tolerável”.

por parte do falante e é resultado de uma estratificação social maior. Em suma, traço gradual indica um uso mais geral e uma menor estratificação, e o traço descontínuo indica uma maior estratificação e um uso mais específico por alguns grupos de falantes ou membros da comunidade.

Voltando ao percurso diacrônico de *a gente*, é importante entender alguns princípios da gramaticalização, propostos por Neves (2009, p. 39-40):

- **Persistência** – na ocorrência tolerável, “permanecem vestígios de significado lexical original” de terceira pessoa com sentido genérico.
- **Descategorização** – “perda ou neutralidade dos marcadores morfológicos e das características sintáticas próprias das categorias plenas (como os substantivos)”. A variação morfológica desconsidera “o estatuto de terceira pessoa de *a gente* (um sintagma nominal): trata-se de uma flexão, para efeito de concordância, em primeira pessoa do plural, concordância necessariamente ligada a uma categoria pronominal, não substantiva”. Acredito que nessa categoria se enquadre o exemplo *a gente vamos* que passa a concordar também com a primeira pessoa do plural, e não somente com a terceira do singular.
- **Divergência e estratificação** – “coexistência dos dois diferentes modos de concordância com a forma quase-pronominal *a gente* – uma na terceira pessoa do singular e outra na primeira pessoa do plural – e, ao mesmo tempo, mantém-se vivo o uso original do sintagma nominal *a gente*.”
- **Especialização** – diferentes níveis de funcionalidade e de valorização sociocultural para cada realização linguística. São diferentes escolhas para diferentes fins.

Nesse sentido, mesmo com a expansão do uso de *a gente* no português brasileiro, há algumas posições em que o pronome não ocorre, como a possibilidade de definir a cardinalidade (quantos indivíduos) para *nós*, diferentemente de *a gente*. (Exemplo: Todos *nós*. *Todos *a gente*. (NEVES, 2008, p. 517-518). A nosso ver, a agramaticalidade do exemplo **Todos a gente* é uma evidência de que o pronome *a gente* ainda não está totalmente gramaticalizado no português brasileiro, como os exemplos “*nós quatro*” e “**a gente quatro*”.

Com relação aos possessivos no sintagma nominal (SN), também é possível a combinação de *o* ou *um* como demonstrativo juntamente com o possessivo. Exemplo: *Esse nosso cineminha/Agora vamos para o nosso* outro assunto (NEVES, 2008, p. 577 e 579). Novamente o possessivo correspondente ao pronome *a gente* (*da gente*) não ocorre em contexto de sintagma nominal com artigos *o* ou *um*, ou seja, o pronome *a gente* ainda não está completamente implementado, mas em processo de gramaticalização no português brasileiro, seguindo todos os cinco princípios descritos por Neves (2008).

Zilles (2007, p. 32-33) também trata da gramaticalização com uma mudança linguística em que se atribui o *status* gramatical a um item lexical, mas subdivide os princípios em quatro, a saber:

- **Dessemantização:** redução semântica, *bleaching*, perda de conteúdo semântico. *A gente* perde o traço de povo, porém mantém o de pessoa.
- **Extensão:** generalização contextual, uso em novos contextos; Quando se percebe o uso de *a gente*, na função de sujeito, aumentar, de 1970 para 1990, e expandir para contextos além do genérico, como a referência mais específica. Seria o equivalente à persistência de Neves (2008, p. 39-40).
- **Descategorização:** perda de propriedades morfossintáticas características das formas-fonte, incluindo a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação. Quando *gente* está em estruturas fixas como *boa gente* e perde o plural gramatical e o gênero feminino ao longo do tempo. Seria o equivalente à descategorização de Neves (2008, p. 39-40).
- **Erosão:** redução fonética, perda de substância fonética. Quando *a gente* adquire novas pronúncias como: *A gente*, *a hente*, *a'ente*, *'ente*.

Nesse sentido, para Zilles (2007, p. 28-29, 34), o feixe de mudanças está inter-relacionado com o sistema pronominal e com a concordância dos pronomes *nós* e *a gente*, e *você* e *tu*. Assim, a inserção de *a gente* e *você* no português brasileiro atinge o parâmetro do sujeito preenchido, que se tem tornado frequente como resultado da redução do

paradigma verbal. Há também o impacto da redução fonética de *ocê* para *cê* da mesma forma que de *a gente* para *hente*, *a'ente*, *'ente*.

Além de Neves (2008), Castilho (2010, p. 207 e 439) também descreve esse fenômeno linguístico em sua gramática e afirma que há substituição de *nós* por *a gente* tanto no português brasileiro popular como no português brasileiro culto. Mais adiante (2010, p. 477) ressalta que *a gente* comuta com *nós* nos mesmos contextos. E na página seguinte (2010, p. 478), de fato, traz os dados da pesquisa de Omena (1978) para delimitar as variáveis propícias para o uso de *a gente*.

Dessa forma, Castilho (2010, p. 477) fornece resultados variacionistas que contribuem para a discussão de que não se trata de uma mera substituição de uma forma por outra, mas, sim, de variação linguística condicionada por fatores linguísticos e sociais. Assim, a expressão *a gente* aparece junto com os outros pronomes pessoais numa reconfiguração do quadro pronominal brasileiro, ainda que seja registrada apenas como pertencente ao português brasileiro informal quando já se sabe que o *a gente* também exista no português mais formal.

Com base nessa concepção de variação linguística, sintetizamos a seguir pesquisas variacionistas no âmbito do português brasileiro e do português europeu sobre a alternância *nós* e *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural.

4 *Nós* e *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Desde a década de 1980, inúmeros estudos variacionistas têm sido realizados sobre a variação pronominal de primeira pessoa do plural na variedade do português brasileiro. Por isso, faz-se necessário reunir alguns trabalhos para identificarmos a frequência em cada localidade e em cada região do Brasil, que servirá para compararmos com os resultados do português brasileiro da fronteira e do português uruguaio.

No português uruguaio, não se tem estudos variacionistas acerca desse fenômeno linguístico. No português europeu, os estudos são poucos (RUBIO, 2012 e VIANNA, 2011), se comparados ao português brasileiro, mas já revelam que, em Portugal, a tendência maior é o uso do pronome *nós* (RUBIO, 2012, p.355); o *a gente* é utilizado com concordância no plural em 1/4 das ocorrências (RUBIO, 2012, p. 18); o PE tem comportamento mais conservador, e a variação é estável com mudança geracional, ao passo que, no PB, o comportamento é mais inovador, e a

mudança está em curso (VIANNA, 2011, p. 202-204 e RUBIO, 2012, p. 356); a faixa etária não é selecionada no PE, mas a frequência de uso de *nós* é maior entre os jovens, enquanto no PB a faixa etária é selecionada com os jovens favorecendo mais *a gente* (RUBIO, 2012, p. 358).

Para analisarmos as diferenças e semelhanças da variação de primeira pessoa do plural no Brasil e em Portugal, é interessante comparar, minimamente, as frequências de *nós* e *a gente* no português brasileiro como um todo e no português europeu conforme a Tabela 1. A ordenação dos dados é feita com base na porcentagem de *a gente* por ser a variante inovadora e o foco da investigação.

TABELA 1– Percentagem global das variantes *nós* e *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Variedade	Autor	Agente	Nós
Caimbongo – Cachoeira – C. rural afro-brasileira – BA	Oliveira, 2008	85%	15%
João Pessoa – Projeto VALPB ⁶ – PB	Fernandes, 1999	79%	21%
Rio de Janeiro – Amostra Censo de 2000 – RJ	Omena, 2003	79%	21%
Rio de Janeiro – Amostra Censo de 1986 – RJ	Omena, 2003	78%	22%
Pelotas – Projeto VARX ⁷ – RS	Borges, 2004	78%	22%
Goiás – GO	Mattos, 2013	77%	23%
Norte fluminense – RJ	Machado, 1995	73%	27%
Interior Paulista Iboruna – SP	Rubio, 2012	73,8%	26,2%
Florianópolis – Projeto VARSUL ⁸ – SC	Seara, 2000	72%	28%
Vitória – Projeto PORTVIX ⁹ – ES	Mendonça, 2010	70,8%	27,3%
Rio de Janeiro – RJ	Omena; Braga, 1996	70%	30%
Jaguarão – Projeto BDS Pampa ¹⁰ – RS	Borges, 2004	69%	31%
Porto Alegre – RS	Zilles, 2007	69%	31%
Curitiba – PR	Borba, 1993	64%	36%
NURC – RJ	Silva, 2010	63%	37%

⁶ Projeto VALPB – Variação Linguística no Estado da Paraíba.

⁷ Projeto VARX – Banco de dados por classe social de Pelotas.

⁸ Projeto VARSUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil.

⁹ Projeto PORTVIX – Português Falado na Cidade de Vitória.

¹⁰ Projeto BDS Pampa – Banco de dados sociolinguísticos.

Piabas – C. rural de Anselino da Fonseca – BA	Sampaio e Lopes, 2009	62%	38%
Blumenau – SC	Tamanine, 2002	60%	40%
Rio de Janeiro – Projeto NURC ¹¹	Lopes, 1998	59%	61%
Lages – SC	Tamanine, 2002	58%	42%
Cinzeiro – C. afro-brasileira – Projeto Vertentes ¹² – BA	Antonino; Bandeira, 2011	56%	44%
Brasília – C. de Periferia – SP	Coelho, 2006	53%	47%
Blumenau – SC ¹³	Silva, 2004	51%	49%
Concordia – SC	Franceschini, 2011	50%	50%
Chapecó – SC	Tamanine, 2002	48%	52%
Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador – Projeto NURC ¹⁴	Lopes, 1998	42.2%	57.8%
CRPC ¹⁵ – Portugal	Rubio, 2012	42%	58%
Ponta Porã – C. de Assentados – MS	Muniz, 2008	39%	61%
Salvador – Projeto NURC	Lopes, 1998	37%	63%
Porto Alegre – Projeto NURC	Lopes, 1998	28%	72%
Funchal – Portugal	Vianna, 2011	26%	74%
Cacém – Portugal	Vianna, 2011	22%	78%
Oeiras – Portugal	Vianna, 2011	9%	91%

Em termos de frequência geral do fenômeno, de 59% a 85%, são estes os estados que mais utilizam o pronome *a gente*: Bahia (comunidade isolada), Paraíba, Rio Grande do Sul (Pelotas), Goiás, São Paulo (interior), Santa Catarina (Florianópolis) Espírito Santo, Rio de Janeiro (de 59% a 78%). De 58% a 69%, os estados são: Rio Grande do Sul (Jaguarão, Porto Alegre) e Santa Catarina (Curitiba, Blumenau, Lages) e a comunidade rural de Piabas (Bahia). De 48% a 56%, temos a comunidade afro-brasileira (Bahia), São Paulo (periferia), Santa Catarina (Blumenau, Concórdia e Chapecó). Abaixo de 42 % de uso de *a gente*, ou seja, favorecendo o uso de *nós*, cita-se o trabalho de Lopes (1998),

¹¹ Projeto NURC – Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro.

¹² Projeto Vertentes – Português Popular do Estado da Bahia.

¹³ As entrevistas foram feitas com profissionais da saúde, em sua grande maioria, graduados, e obtidas por meio de entrevistas do Programa do Jô.

¹⁴ Projeto NURC – Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. Esses são os resultados das três localidades juntas.

¹⁵ CRPC – Corpus de Referência do Português Contemporâneo.

que mostra resultados conjuntos para Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador (Projeto NURC). Em amostras separadas do português culto, Porto Alegre (28%) e Salvador (37%) permanecem com percentuais baixos. Em outras amostras do RJ, registra-se que a frequência de uso do *a gente* chega no mínimo a 59% (para essa amostra do NURC, ou seja, apenas de falantes cultos), 63%, 70%, 73%, 78% e no máximo de 79%, enquanto em Porto Alegre é bem mais alta, com 69% quando não se trata somente de falantes cultos.

O Brasil é um país continental e, justamente por conta da sua grandeza, os estados de uma mesma região não exibem um comportamento linguístico idêntico, haja vista que o uso de *a gente* no Rio Grande do Sul, por exemplo, ocorre desde 78% (Pelotas) até 69% (Jaguarão e Porto Alegre); no Paraná é de 64% (Curitiba); e em Santa Catarina, por sua vez, a frequência é de 72% (Florianópolis), 60% (Blumenau), 58% (Lages) até 48% (Chapecó). De uma forma geral, o português brasileiro privilegia o uso de *a gente* em detrimento de *nós*, exceto em Chapecó (SC). Até mesmo em comunidades mais isoladas (53%, 56%, 62% e 85%) o *a gente* já está presente majoritariamente, exceto em Ponta Porã (39%), talvez pela situação fronteiriça com o Paraguai, ainda que não tenha acidente geográfico.

Interessante também observarmos os resultados de Jaguarão (Brasil) que faz fronteira ao Sul com Rio Branco (Uruguai). Nessa localidade, o uso de *a gente* é de 69% contra 31% do uso de *nós*. Jaguarão é uma fronteira com acidente geográfico, ou seja, seu limite é estabelecido fisicamente por meio de uma ponte. Essa comunidade fronteiriça exhibe resultados semelhantes à maioria do Brasil quanto ao uso crescente do pronome *a gente*.

Entre os grupos de fatores sociais que normalmente são relevantes para o fenômeno (tabela 1), podem-se citar, em ordem de recorrência: (v) *faixa etária*, (vi) *sexo*; (vii) *escolaridade*; e (viii) *localidade*. Entre os grupos de fatores linguísticos, praticamente em todos os trabalhos, podem-se elencar, em ordem de importância: (i) *paralelismo formal e discursivo*; (ii) *traço semântico do referente* ou *tipo de referência*; (iii) *tempo verbal*; e (iv) *saliência fônica*.

Sobre o **português europeu**, Vianna (2011), na análise da alternância pronominal de três cidades de Portugal, obteve valores diferentes para cada uma das comunidades (26%, 22% e 9% de uso do *a gente*, respectivamente, para Funchal, Cacém e Oeiras). Assim, Vianna (2011, p. 90) conclui que

a forma inovadora ‘a gente’ é a estratégia preferencial no desempenho oral dos entrevistados brasileiros; ao passo que, entre os portugueses que compõem a amostra, é a forma padrão ‘nós’ que se destaca como a mais produtiva na indicação da primeira pessoa do plural.

Em termos de comparação dos trabalhos sobre português europeu, os percentuais de Vianna (2011) e Rubio (2012) são bem diferentes. As três comunidades do português europeu obtiveram 74%, 78% e 91% de uso do *nós*, respectivamente, para Funchal, Cacém e Oeiras. Os resultados de Rubio (2012) são de 58% para o uso de *nós* no *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo de Portugal.

A diferença dos dois trabalhos reside nas diferentes opções metodológicas escolhidas que interferem, sobretudo, nos resultados percentuais. Rubio (2012) considera apenas os casos de sujeito explícito e sujeito não explícito que apresentam em contextos anteriores as formas *nós* e *a gente*. O emprego de *-mos* sem referente explícito não é considerado dado, tanto nos casos isolados como nas primeiras referências, pois não é possível saber se o sujeito nulo é *nós* ou *a gente*, porque “no PE, tanto a forma *nós* como *a gente* são candidatas potenciais a ocorrer com verbos flexionados em 1PP”.

No entanto, Vianna (2011) considera esses dados, o que altera seu resultado geral com a frequência alta do pronome *nós*. Assim, os resultados de Vianna (2011) para o pronome *nós* estão vinculados às ocorrências de verbos com desinências de 1PP sem referente explícito, ou seja, os casos de zero *nós*. Nesse sentido, a proposta da pesquisa de Rubio (2012) tem como um dos focos a análise da alternância pronominal entre *nós* e *a gente*, e não a representação do sujeito em 1PP do discurso (RUBIO, 2012, p. 227-230).

Neste trabalho, assim como em Vianna (2011), consideramos todos os dados de sujeito implícito com a desinência de primeira pessoa do plural como sendo *nós*, porque não há nenhum dado de sujeito explícito com o pronome *a gente* e desinência *-mos* nas entrevistas de Aceguá, fato que confirma o uso menos encaixado na fronteira. Nesse sentido, toda vez que aparece essa desinência e o sujeito implícito/não expresso, consideramos que se trata do pronome *nós*, assim como Vianna (2011).

Rubio (2012) afirma que, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, há variação pronominal de primeira pessoa do plural e de concordância verbal de primeira pessoa do plural. No português

européu, a frequência de uso do pronome *a gente* é de 42%, enquanto no português brasileiro do interior paulista é de 73.8%. No português brasileiro, quatro variáveis linguísticas (*paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*) e duas extralinguísticas (*escolaridade* e *faixa etária*) foram selecionadas. No português europeu, uma variável linguística (*paralelismo discursivo*) e duas extralinguísticas (*escolaridade* e *sexo*) foram selecionadas. A faixa etária não foi selecionada para o português europeu, mas a frequência mostra que quanto maior a idade, maior o uso de *a gente*.

Para Rubio (2012, p. 357) “o fenômeno variável se sujeita às mesmas “pressões” formais, ainda que os pronomes exerçam funções diferentes em cada uma das variedades”, porque *paralelismo discursivo* é semelhante nas duas variedades, e também em Aceguá, como teremos oportunidade de ver, mas *traço semântico do sujeito* e *tempo e modo verbal* são diferentes. Deve-se levar em conta também que a produtividade de *a gente* é menor em Portugal e no Uruguai do que no Brasil.

Uma diferença importante, segundo Rubio, é que, no português europeu, o pronome *a gente* é estigmatizado, por isso as mulheres e os mais escolarizados tendem a evitar seu uso. No português brasileiro e no português uruguaio de Aceguá, o pronome *a gente* é inovador, mais urbano e mais prestigiado. Essa provável ausência de estigma, segundo Zilles (2007, p. 37), justifica-se pelo caráter crescente do uso da forma inovadora *a gente* na fala de todo o país, o que chega a quase 80%.

Na variedade portuguesa, a concordância verbal com *nós* é categórica, mas com *a gente* é variável. A frequência da concordância verbal de primeira pessoa do plural fica em torno de 24,5% para *a gente vamos* e 75,5% para *a gente vai*, percentuais mais altos que no português brasileiro (RUBIO, 2012, p. 361-362). O emprego da primeira pessoa do plural junto de *a gente* é consequência direta da diminuição das idades e da escolaridade, o que sugere mudança linguística em progresso como também afirma Omena (1996, p. 192).

Rubio (2012), ao fazer uma comparação entre a variedade brasileira do interior paulista e a variedade europeia, traz argumentos em defesa de uma origem em comum e da deriva natural das línguas, adicionando evidências para a hipótese de Scherre e Naro (2007).

Em suma, com base nos trabalhos do português brasileiro e do português europeu, pode-se ter uma visão panorâmica da variação linguística de *nós* e *a gente* em contextos de primeira pessoa do plural e de

como esses resultados são importantes para o entendimento do fenômeno em geral, das suas influências, das semelhanças e diferenças entre o português do Brasil e de Portugal. No português europeu, mesmo com pesquisas metodologicamente diferentes, o uso de *nós* é mais frequente do que no português brasileiro. Nesse sentido, o pronome *a gente* está mais avançado no português brasileiro de maneira geral. Para a maioria das amostras, a frequência de *nós* em Portugal, tomando Rubio (2012) como referência (58%), apenas não é maior do que os dados do NURC (57,8%) e os dados de Ponta Porã (61%).

5 A variação de *nós* e *a gente* na fronteira

No livro *Nós falemo brasileiro* (1987), especialmente na parte que versa sobre os fenômenos linguísticos que os autores Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 85) encontraram no português uruguaio da década de 70, não há menção à alternância *nós* e *a gente*. Segundo os autores, o uso de *a gente* do lado uruguaio não tem o mesmo significado do português brasileiro, diferenciando-se da primeira pessoa do plural, além de o seu uso não ser sistemático e regular.¹⁶

No uso de **a gente**, observamos que não há a tendência (como em P brasileiro) de substituir sistematicamente o pronome “nos”, pelo contrário, quando aparece, mantém o sentido impessoal “restrito”, diferenciando-se claramente da quarta pessoa. Por outro lado, somente a encontramos consignada em Vichadero/Minas de Corrales (V/MC) e Aceguá e Isidoro Noblía¹⁷ (A/IN); ainda que nestas localidades seu uso não seja sistemático. (ELIZAINCÍN, BEHARES E BARRIOS, 1987, p. 85, tradução nossa).¹⁸

¹⁶ Fato semelhante foi descrito por Carvalho (2003b), ao constatar variação na pronúncia do *lh*, tanto como palatal lateral quanto semivogal, contrariando a afirmação de Rona (1965) de que a vocalização era categórica na fronteira.

¹⁷ As localidades por extenso foram acrescidas por mim. Os exemplos encontrados nessas localidades são: (i) *A gente passa pelo ovo*; (ii) *A gente fica u charque*; (iii) *Se frita como a gente quiser*. (ELIZAINCÍN, BEHARES, BARRISO, 1987, p. 85). Os exemplos dos autores foram transcritos de acordo com a norma ortográfica vigente, e não com a norma fonética.

¹⁸ “En el uso de **a gente** observamos que no se tiende (como en P brasileño) a reemplazar sistemáticamente al pronombre “nos”; por el contrario, cuando aparece, conserva el

Para os autores, o pronome *a gente* não é utilizado como variante de *nós*, mas é encontrado em Aceguá, o que não quer dizer que ocorria nos dados dos autores de maneira variável. Na concepção de Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 81-85), o pronome *a gente* era uma das diferentes formas de expressar impessoalidade nos Dialetos Portugueses do Uruguai (DPU).

Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 13-14) descrevem o falar da fronteira como dialetos mistos de base preponderantemente portuguesa. Assim, as estruturas impessoais estariam relacionadas ora com o português, ora com o espanhol. Essa explicação é baseada em uma coleta de dados aleatórios sem o devido controle das variáveis linguísticas e sociais. Por isso, aparentemente, não se tem regularidade linguística. Os resultados são demonstrados com poucos dados e por meio de frequências relativas (apenas percentagens), sem uma maior sistematização da variação linguística. De qualquer forma, isso não os impediria de encontrar *a gente* como pronome alternado com *nós*, se fosse o caso.

Um exemplo dessa “mistura” a que os autores se referem são as expressões impessoais utilizadas pelos falantes da fronteira, tais como o verbo *haver e ter*; os verbos *fazer e dar*; o sujeito genérico; a partícula *se* e os pronomes ou as expressões indefinidas (*uno, a gente*). Elizaincín (1992, p. 135-136), em obra posterior, ainda acrescenta outras estruturas impessoais formadas pelos verbos *fazer/hacer*¹⁹ “*faz dois anos*”; *chamar/decir* “*A lechuga, que le chaman/ En Uruguay dicen de un caballo*”.

No entanto, com uma pesquisa de campo mais criteriosa, levando em consideração a língua falada de ambas as comunidades, facilmente se percebe que não se trata de “mistura” de línguas, porque os exemplos dos verbos *haver, ter, fazer, dar*, do sujeito genérico e da partícula *se* são todos variáveis na língua portuguesa.

A única forma espanhola (expressão indefinida *uno*) aparece em pouquíssimos dados de Elizaincín (1992) e do nosso *corpus* e, por isso, deveriam ser considerados casos de interferência gramatical, uma vez

sentido impersonal “estricto”, diferenciádonse claramente de la cuarta persona. Por otro lado, solo la encontramos consignada en Vichadero/Minas de Corrales (V/MC) y Aceguá e Isidoro Noblía (A/IN); aun en estas localidades no es sistemático su uso”. (ELIZAINCÍN, BEHARES E BARRIOS, 1987, p. 85)

¹⁹ Não há exemplos com o verbo *hacer*.

que não se trata de variação linguística entre as duas formas semelhantes, mas formas completamente distintas. Um exemplo típico do que se ouve muito em Aceguá ocorre nas situações em que alguém pergunta o preço de algo, e a pessoa responde que “dá *unos* quantos” ou a forma aportuguesada “dá *uns* quantos”, o que de fato mostra a indeterminação do valor monetário em questão. Para o uso de *um* como pronome indefinido em Aceguá, tanto no português brasileiro quanto no português uruguaio, registramos pouquíssimos dados. Essa forma também é consequência direta do contato linguístico na fronteira.

Enquanto *uno* é indefinido, *a gente* se gramaticaliza e começa a ser utilizado como primeira pessoa do plural no português uruguaio. Em nossas entrevistas, há pouquíssimos dados com os verbos espanhóis *haber*, *hacer*, *decir* e outros, mas todos são considerados interferências e não misturas. As interferências, por sua vez, também podem ser sistematizadas e situadas contextualmente.

Como se pode notar em Elizaincín (1992, p. 81-85, 135-136), *a gente* é sempre vinculado à impessoalidade ou à terceira pessoa do plural. De fato, no português brasileiro, há esse uso impessoal ou genérico, mas não se pode esquecer que *a gente* também ocorre em contextos de referência específica e, portanto, referência restrita a primeira pessoa do plural e até a primeira pessoa do singular. Os contextos de produção de cada variante fazem parte da análise variacionista, que controla os diversos tipos de ocorrências. Embora haja a conotação genérica de *a gente*, é importante observar que ainda há indícios de primeira pessoa do plural no *a gente* indeterminado.

Em suma, no caso do português, o uso de *a gente* como indefinido ou referência genérica ocupa a lacuna do sistema linguístico desde a evolução do latim, uma vez que passou a indicar indeterminação. Provavelmente, houve um estágio no português uruguaio e no português brasileiro em que o uso de *a gente* era apenas indefinido, depois passou a coexistir também como uso pronominal até chegar à mudança completa variando apenas com o pronome *nós* de primeira pessoa do plural. Atualmente, o *a gente* brasileiro também se propaga e se realiza no português uruguaio, mas a hipótese é que no português brasileiro a mudança estaria mais avançada do que no português uruguaio, em termos de frequência de uso do pronome.

Sobre a outra variante pronominal, Elizaincín (1992, p. 117-118) apenas menciona a existência do pronome *nós* e *nosotros* nos DPUs.

Nas entrevistas, no que se refere ao português de Aceguá, o pronome *nosotros* não foi considerado dado de análise e, portanto, foi retirado da análise de pesos relativos, uma vez que se trata de uma interferência do espanhol, e não propriamente de alternância pronominal.

Em seguida, Elizaincín (1992, p. 136) constata a existência de *a gente* em variação com o *nós*, mas apenas no português brasileiro de uma forma geral, excluindo os DPUs:

O uso de “A gente” em P substitui o pronome *nos*, agregando este valor ao de impessoalidade antes referido. Este não é o caso nos DPU. Por outro lado, o recurso parece apenas em duas localidades da amostra: V-MC e A-IN^{20, 21}

Em Aceguá, de fato, existe o uso pronominal de *a gente*, mas em Isidoro Noblía, outro bairro uruguaio, provavelmente não, porque, enquanto aquela é praticamente bilíngue, esta é basicamente monolíngue em espanhol. Como Elizaincín apresenta sempre os resultados em conjunto para Aceguá e Noblía, não há como saber realmente de onde foram retirados os poucos exemplos com *a gente* em primeira pessoa do plural.

No entanto, em praticamente todas as entrevistas que realizei do lado do Uruguai, há vários dados com o uso de *a gente* como primeira pessoa do plural, apesar de ser em menor proporção que o uso brasileiro. Do ponto de vista social, os uruguaios favorecem o emprego do pronome *a gente* apenas com a retirada dos dados categóricos de *nós* (Tabela 2). Foram entrevistados 38 colaboradores, 19 uruguaios e 19 brasileiros.

²⁰ “El uso de “A gente” suele en P sustituir al pronombre nos, agregando este valor al de impersonalidad antes referido. No es este el caso en los DPU. Por otra parte, el recurso parece solo en dos localidades de la muestra: V-MC e A-IN” (ELIZAINCÍN 1992, p. 136).

²¹ As localidades referidas são Vichadero e Minas de Corrales (V-MC), e Aceguá e Isidoro Noblía (A-IN). Isidório Noblía é uma comunidade uruguaia e situa-se a 15km de Aceguá-Uruguaí. A abreviação “P” significa português.

TABELA 2 – Frequência geral dos colaboradores de Aceguá

Colaboradores	Com todos		Sem os categóricos	
	A gente	Nós	A gente	Nós
Brasileiros e uruguaios	45,1% 452/1002	54,9% 550/1002	58,3% 452/775	41,7% 323/775
Uruguaios	29,3% 135/461	70,7% 326/461	49,1% 135/275	50,9% 140/275
Brasileiros	58,6% 317/541	41,4% 224/541	63,4% 317/500	36,6% 183/500

Fonte - Pacheco (2014)

A frequência de *a gente* no português brasileiro de Aceguá (58,6% ou 63,4%) encontra-se mais avançada do que no português uruguaio (29,3% ou 49,1%), respectivamente na análise com todos os colaboradores ou na análise sem os casos categóricos de *nós*. Ao que tudo indica, a entrada desse pronome é recente no português uruguaio e não se realiza em todas as funções sintáticas, sendo mais produtiva na posição de sujeito, como no exemplo a seguir:

Entrevistado: Isso aqui, a cultura é mais ou menos a mesma, de toda A GENTE se confunde. Pra NÓS, Ø²² NÃO NOTAMOS... **vocês que vêm** de longe podem notar a diferença, mas pra NÓS, A GENTE criou um dialeto pra falar, A GENTE fala portunhol, Ø NÃO FALA nem espanhol nem português. Eu, por exemplo, hoje, não consigo escrever nenhuma das duas línguas de forma correta. Eu não escrevo nem português correto, nem espanhol. Eu faço uma mistura, eu troco o C pelo Z, eu troco... NÓS no espanhol não TEMOS Ç.
(ALE, homem, acima de 50 anos, uruguaio, ensino médio)

Esse entrevistado é homem, uruguaio de Montevideú, tem mais de 50 anos, e trabalha no Brasil. Sua mulher é uruguaia de Melo e trabalha no Uruguai. O casal afirmou que só conversa com os filhos em espanhol para não haver “mistura”, porque eles são inseguros linguisticamente quanto ao uso do português. Entretanto, o casal de filhos também fala

²² O símbolo Ø representa a ausência do pronome de primeira pessoa do plural na função de sujeito.

português e estuda na escola brasileira, porque os pais acham que a educação brasileira é melhor que a uruguaia.

O exemplo dessa família, como de tantas outras, apenas corrobora a integração total entre os dois lados da fronteira e o quão os relacionamentos são imbricados. Além disso, os moradores, em maior ou menor grau, se conhecem porque, em alguns momentos de suas vidas, estão unidos por laços familiares, de amizade, de trabalho.

Em termos linguísticos, identificamos apenas o primeiro exemplo (de toda *a gente* se confunde) como impessoal, de acordo com o uso espanhol, principalmente porque há concordância de gênero entre o quantificador *toda* e o *a gente* em função de substantivo. Percebe-se, pois, que o sentido é genérico, de terceira pessoa do plural, podendo o exemplo ser reescrito como se fosse “a cultura de toda *pessoa se confunde*” ou “a cultura de qualquer *pessoa se confunde*”.

Todavia, o falante, nos demais dados de *a gente* (*A GENTE criou um dialeto pra falar/ A GENTE fala portunhol*), se inclui nessa coletividade expressa pela primeira pessoa do plural ou quarta pessoa, da mesma forma que ocorre com os dados de implícito com *nós* (*Pra NÓS, não Ø notamos...*) e de implícito com *a gente* (*A GENTE criou um dialeto pra falar, A GENTE fala portunhol, Ø NÃO FALA nem espanhol nem português*). Nesses exemplos, é nítido que se trata de um fenômeno variável entre *nós* e *a gente*, que significa a extensão da inovação além das fronteiras nacionais.

Segundo Tagliamonte (2006, p. 96), “In the ideal situation you will find a ‘super token’: alternation of variants by the same speaker in the same stretch of discourse”. Ou seja, em uma situação ideal, é importante encontrar um ‘super dado’: alternância de variantes pelo mesmo falante em uma mesma parte do discurso, o que ocorre nesse exemplo, já que há dados de *nós* e *a gente* implícito e de *nós* e *a gente* explícito com o mesmo valor de verdade.

Em nosso *corpus*, foram encontrados 10 dados de *a gente* com sentido de terceira pessoa ou até mesmo ambíguo, no português uruguaio de Aceguá, e três dados no português brasileiro de Aceguá, como se ainda fosse um vestígio histórico dessa expressão:

Isso aqui, a cultura é mais ou menos a mesma, de toda A GENTE se confunde.

(ALE²³, homem, acima de 50 anos, uruguaio, ensino médio)

HIL: não, é lindo, A GENTE aqui toda, a vizinhança é boa. (HIL, mulher, acima de 50 anos, brasileira, ensino médio) Eu não gosto porque eu acho, uma coisa que, não gosto de tanta gente ali esperando um piquete ali, esperando um prato de comida, fazendo... eu vou, se há alguma pita eu logo vou e volto pra trás. Não sou de passar ali, e passar horas. Não gosto de estar dependendo de ver A GENTE FAZENDO, cola DIZEMO no, a que hora se me escapo, você, como dise. Estoy esperando sim. Como se dizem lá, quando tu tá num banco, como é?

(CAR, homem, acima de 50 anos, uruguaio, ensino médio)

Nos dois primeiros exemplos, a referência parece ser mesmo à terceira pessoa, até mesmo pelo quantitativo *toda* concordando em gênero e número. Já no terceiro caso, há maior ambiguidade porque não se sabe ao certo se o falante se inclui juntamente com as pessoas que fazem fila para comer nos piquetes em dias de Semana Farroupilha.

Até então, não havia registros de *a gente* como primeira pessoa do plural na fronteira, justamente porque *la gente* no espanhol tem uma conotação mais indefinida e de terceira pessoa do plural. Nosso trabalho demonstra, pois, que o *a gente* no português uruguaio (falado por uruguaio bilíngues) da fronteira também está no mesmo processo de gramaticalização que no português brasileiro de forma geral. A diferença maior deve ser de frequência, uma vez que parece ser mais recente no português uruguaio.

No espanhol, a expressão *la(s) gente (s)* permanece com o mesmo sentido de *todo mundo* ou *todas as pessoas* da época do português arcaico. Já no português brasileiro e uruguaio, atualmente, prevalece o uso de *a gente* como primeira pessoa do plural, tanto em contextos de referência genérica quanto em contextos mais específicos, ou como primeira pessoa do singular, em um contexto máximo de especificidade.

²³ Para manter o sigilo dos entrevistados, utilizamos apenas as três iniciais de um nome fictício em cada exemplo.

6 Considerações finais

Sobre a definição de *a gente*, segundo Lopes (1996), as gramáticas tradicionais são controversas ao classificar *a gente* ora como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ora como pronome indefinido. Nesse artigo, considera-se *a gente* um pronome pessoal, porque é uma categoria pronominal, e não um sintagma nominal composto de determinante mais nome. *A gente* passou de nome que indica indeterminação a pronome de primeira pessoa do plural, fazendo parte do quadro pronominal do português brasileiro e, também, do português uruguaio.

O pronome *a gente*, amplamente utilizado no Brasil e na zona urbana, chega ao Sul do país e atravessa a fronteira. Assim, essa categoria gramatical como primeira pessoa do plural passa a ser variável também no português uruguaio.

Diacronicamente, no caso do português brasileiro, o seu uso como indefinido ou referência genérica entrou no lugar da expressão arcaica *homen*, enquanto no espanhol houve a inserção do termo *uno* ou *una* como indefinido.

Sincronicamente, a expressão lexical plena *a gente* passou a equivaler a *nós*, tanto no português brasileiro quanto no português uruguaio, sendo utilizada como primeira pessoa do plural, independentemente de ter a referência genérica ou específica. Mesmo existindo, na língua espanhola, o correspondente *nosotros* para a primeira pessoa do plural, os bilíngues vêm utilizando o pronome *a gente*, que é totalmente diferente do uso de *la gente* em espanhol.

No caso do português brasileiro de Aceguá (Rio Grande do Sul), a frequência de uso é de 58,6%, na análise com todos os colaboradores, e 63,4% na análise sem os casos categóricos. Por isso, acompanha os altos índices de *a gente* na região Sul do Brasil, como Pelotas (78%) e Florianópolis (72%), Jaguarão (69%), Porto Alegre (69%), Curitiba (64%) e Blumenau (60%). Além da região Sul, o português brasileiro de Aceguá, na análise sem os categóricos, também se aproximou dos falantes do Rio de Janeiro (de 79% a 59%), na região Sudeste.

O resultado do português uruguaio com todos os colaboradores (29,3%) se assemelha, em termos de distribuição, ao português europeu, com menos de 26% (VIANNA, 2011). O resultado do português uruguaio sem os casos categóricos em *nós* (49.1%) se aproxima mais da variedade

de Santa Catarina em Blumenau (51%), Concórdia (50%) e Chapecó (48%) e também do português europeu (42%) (RUBIO, 2012). Além da região Sul, a frequência de 49,1% do português uruguaio da fronteira se aproxima de comunidades mais isoladas e rurais como Brasilândia – SP, no Sudeste, (53%) e Cinzento – BA, no Nordeste, (56%). Ao mesmo tempo, Ponta Porã – MS, no Centro-Oeste, tem frequência ainda inferior, de 39%, e Piabas-BA, no Nordeste, tem a maior frequência de todas essas comunidades mais isoladas, com 62%.

Percebe-se, portanto, que o português uruguaio e o português brasileiro são distintos entre eles em termos de distribuição dos dados. Os percentuais de Aceguá chegam a 63,4% na análise brasileira e a 49,1% na análise uruguaia, o que revela a proximidade do português brasileiro de Aceguá (63,4%) com a maioria das variedades do português brasileiro, que estão utilizando cada vez mais o pronome *a gente* como primeira pessoa do plural. Na maior parte da região Sudeste, Sul, Nordeste e Centro-Oeste, o uso de *a gente* está acima de 70%. Já no português uruguaio, (com no máximo 49,1%), a expansão do *a gente* é mais comedida.

Em outras fronteiras do Rio Grande do Sul, como o caso de Flores da Cunha (italiano-português), Panambi (alemão-português) e São Borja (espanhol-português), nota-se que as comunidades bilingües acompanham mais lentamente a mudança com relação à inserção de *a gente* no sistema pronominal, ainda que a tendência seja na direção do uso dessa forma inovadora (ZILLES, 2007, p. 36). Pelotas e Jaguarão, fronteiras com Uruguai, também compõem localidades menores, mais rurais e, portanto, com mais contato linguístico e/ou bilingüismo, o que deixa o ritmo da mudança mais lento (ZILLES, 2007, p. 37).

Partimos do pressuposto de que a inserção ou aquisição do pronome *a gente* como primeira pessoa do plural no português uruguaio pode ser consequência do contato linguístico com o português, porque esse pronome só existe na variedade brasileira dessa língua, e, por isso, quanto maior a proximidade com o Brasil maior a frequência de *a gente*. Percebe-se, portanto, que, ao se distanciar da fronteira, indo mais para o interior do Uruguai, os falantes já não utilizam o português como língua materna, uma vez que são monolíngües e, provavelmente, deixam de usar ou usam menos *a gente* como primeira pessoa do plural.

Referências

AGUIAR, Ofir Bergemann de. O pronome *on* na tradução do conto “L’aveugle”, de Maupassant: os estudos lingüísticos sub-frásticos devem ser ainda considerados? *Tradterm*, [S.l.], v. 8, p. 81-98, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49122>>. Acesso em: 5 out. 2014.

ALMEIDA, Napoleão M. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Loyola, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A análise do português em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. “*Substandard*” e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 101-118.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. Uso e variação de *nós* e *a gente* na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. In: ENCONTRO DO CELSUL, IX., 2010, Palhoça, SC. *Anais...* Palhoça-SC: Universidade do Sul de Santa Catarina. 2010. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Ana%20Brustolin%20_1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2014.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Antologia. Ed. por Evanildo Bechara e Segismundo Spina. Cotia: Ateliê, 1999. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=I_T9Fqq5A7cC&printsec=frontcover&dq=os+lusiadas&hl=en&sa=X&ei=bPoaVNiFFcTBggSmm4D4Cg&ved=0CD8Q6wEwBA#v=onepage&q=os%20lusiadas&f=false>. Acesso em: 18 set. 2014.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

CARVALHO, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, Iberoamericana Editorial Vervuert, n. 2, p. 125-149, 2003a.

CARVALHO, Ana Maria. The sociolinguistic distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: a case of dialect diffusion. In: MONTRUL, S.; ORDÓÑEZ, F. (Ed.). *Linguistic theory and language development in Hispanic languages*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003b. p. 30-44.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DICIONÁRIO MULTILÍNGÜE: Português, Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol. Reader's Digest Brasil, 1998.

ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto: Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L.; BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro*. Dialectos portugueses en el Uruguay. Montevideo: Amesur, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2002.

HERMOSO, A. G.; CUENOT, J. R.; ALFARO, M. S. *Gramática de español lengua extranjera*. Curso Prático. Edelsa: Grupo Didascalia, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LOPES, C. R. S. A indeterminação no português arcaico e a pronominalização de nominais: mudança encaixada? In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, V., 2003, Salvador. *Anais...* Salvador: Quarteto, 2005.

LOPES, C. R. S. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main; Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003. v.18.

LOPES, C. R. S. *Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino*. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Diversidade Lingüística e Ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 115-123. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema14/ponto25.html>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, v. 12, p. 17-28, 1994.

MAIA, Francisca Paula Soares. Ocorrências e referências de la gente em língua hispânica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, V; CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABH, I., 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: FALÉ/UFGM, 2008. p. 2659-2666. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/Ocorr%EAncias%20e%20refer%EAncias.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2014.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Pronomes. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* 3. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. *Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-215.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; SCHERRE, Maria Marta Pereira Scherre. *Padrões Sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 309-323.

PACHECO, Cíntia da Silva. Capítulo 4 - Pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos da pesquisa. In: _____. *Alternância NÓS e A GENTE no português brasileiro e no português uruguaio da fronteira Brasil-Uruguai (Aceguá)*. 2014. 311 f. Tese (Doutorado) – UnB, Brasília, 2014.

RONA, José Pedro. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANTOS, N. V.; COSTA, E. D.; SILVA, F. A. *O uso do “nós” e do “a gente” na escrita de estudantes universitários*. In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES, V., CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE, I., 2011. UFS – Itabaiana/SE, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

SOARES, Carolina Noémia Abranches de Sousa. *Sangue Negro*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2001. p. 136-137.

TAGLIAMONTE, Sali. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIANNA, J. B. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? UNISINOS/UFRGS. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.